

# A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 33600 rs. — Semestre 13220 rs. —  
Trimestre 13000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 6. — SABBADO, 9 DE FEVEREIRO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — ANNO 43000 — Semestre 23100  
Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 53000 rs.

## REVISTA POLITICA.

Propagaram-se gradualmente as esperanças de paz, desde que a Austria, encarregando-se officiosamente da iniciativa das propostas, formulou estas segundo as bases das quatro garantias anteriormente discutidas e adoptadas, apresentando-as á Russia como unica expressão admissivel de intenções pacificas e composição amigavel, declarando que não admittia modificações ou interpretações, e ameaçando rompimento com a corte do czar, se aquelle ultimatum não fosse acolhido. Crêem os politicos que o governo do imperador Francisco José não daria um passo tão formal sem previa communicação aos governos das potencias occidentaes, e sem fortes indícios ou certeza do assentimento d'estes. O caso é que se admite já a possibilidade de paz europea pondo termo a uma luta formidavel, pertinaz e sanguinosa; e manifestos signaes d'estas probabilidades a favor do commercio e da humanidade se vão notando de dia para dia, no melhoramento do credito e alta dos fundos publicos de todas as nações, ainda ha pouco tempo com sensivel tendencia para baixa, ou paralisados em virtude de uma expectativa desconfiada.

O protocolo da acceitação da Russia, convenccionado no dia 16 do passado entre o conde de Nesselrode, archichanceller do imperio, e o conde Valentin Esterhazy, representante austriaco, chegou a Vienna; e não só é cousa decidida que Paris seja o centro das futuras negociações, como se vê pelo discurso da rainha Victoria na sessão d'abertura do parlamento britannico em 31 de janeiro; mas, parece fóra de duvida que na mesma corte serão assignados os preliminares da paz, se infelizmente não houver o mesmo resultado das negociações de Vienna em abril ultimo.

Uma parte telegraphica, primeiro, deu a conhecer em substancia o artigo publicadô no *Jornal de S. Petersburgo* acerca da acceitação pura e simples das propostas austriacas. Depois alguns jornaes transcreveram integralmente o texto do citado artigo, digno de notar-se, porque n'elle desaparecem os motivos que excitaram á sua recente deliberação o czar Alexandre. Não são elles somente, como referiu a telegraphia particular, os manifestos votos da Europa inteira propicios á paz; outras causas enuncia o *Jornal de S. Petersburgo*, que sendo de ordem secundaria deviam exercer provavelmente grande influencia. Taes são, por uma parte, os progressos da coalisção occidental, que «tende a adquirir mui vastas proporções,» e por outra parte, «os sacrificios que a prolongação da campanha imporia á Russia.» Antes de progredirmos na analyse do artigo, avaliemos quaes têm sido os gravissimos danos já soffridos pela potencia moscovita.

A moderna pauta geral de alfandegas do imperio foi posta em vigor na Russia, a contar do 1.º de janeiro de 1851, por um decreto de 25 d'outubro de 1850, o qual supprimia ao mesmo tempo a linha das alfandegas internas, limite entre a Russia e a Polonia, completando por esta fórma a incorporação d'este ultimo reino em os domínios do imperio. Portanto, a estatística do commercio exterior publicada desde essa data comprehende todas as operações commerciaes da Russia. Em 1851 deram ellas os seguintes resultados: *importação* por todas as fronteiras do imperio, 1 04 milhões de rublos (1); *exportação*, 98

(1) Damos numeros redondos. O rublo aqui mencionado equivale a 640 réis. Ha o rublo assignação, que pôde computar-se em 180 réis proxivamente.

milhões de rublos; tudo isto em fazendas, pondo de parte o numerario. Como os dados financeiros dos dous ultimos annos nos faltam, não podemos fazer restricta comparação; porém, sabendo-se que era aquelle o immenso movimento mercantil no mencionado anno, e que deveria ir em prospero progresso, imagine-se a enorme redução que terá soffrido ultimamente em consequencia da occupação do mar Negro e dos bolques do mar Branco e do Baltico, e devastação da America Russa, pelas esquadras reunidas das potencias occidentaes, que, além d'isso, têm varrido de todos os mares a bandeira moscovita, dando continua caça aos navios de guerra e mercantes da nação adversaria.

Ainda temos outro elemento de estimativa; e vem a ser, que em 1851 entraram nos portos russos 7:323 navios, e saíram 7:342, transportando os primeiros um milhão e 200 mil toneladas; cumprindo advertir que, entre os navios estrangeiros que demandaram os portos russos, a Inglaterra conta o maior numero, pois figura por 1:875, e a Turquia por 948. Ora, estes não foram lá depois da guerra, e a sua marinha vedou que fossem muitos de outras nações; facil é deduzir d'aqui o gravissimo prejuizo causado á Russia, sem que desçamos a outras particularidades. Tambem os danos para as outras nações beligerantes são bem graves; mas em vista d'aquelle desfalque, os da Russia são mui superiores; e além d'essas perdas materiaes, em que vem pezar muito a destruição da esquadra do mar Negro, e da cidade e docas de Sebastopol, considere-se nos estragos padecidos em diversos pontos importantes das vastas costas maritimas russianas, e tantas lastimas e desastres que os jornaes diarios têm levado á noticia de todos.

Não é, pois, de admirar que a Russia aproveitasse o ensejo de fazer a paz, promovido pelas diligencias d'uma potencia medianeira. Devemos agradecer ao *Jornal de S. Petersburgo*, a exposição das causas que acima indicamos; mas, ainda assim não julgamos que foram puramente estas as que moveram o gabinete de S. Petersburgo, porque nos parece injustiça suppor que elle não attendeu tambem ao espirito pacifico n'estes ultimos tempos desenvolvido; as manifestações da opinião publica, sobre as quaes sem duvida reflexionaria, contribuiriam para modificar as suas idéas e inspirar-lhe a vontade de terminar a guerra, accedendo aos desejos dos differentes estados da Europa.

Comtudo, um jornal de Paris, que está longe de condemnar similhante intenção, de si nobre e honrosa, pensa que talvez a Russia fosse menos explicita ou menos prompta em declarar-se, se não se presumissem eventualidades que no progresso da coalisção occidental ameaçavam envolver a Russia dentro em mui pouco tempo. Hoje a Europa limita-se a procurar a paz por todos os meios; amanhã poderá querer impol-a com todas as suas forças. O gabinete de S. Petersburgo entendeu perfeitamente esta situação; viu que não lhe recae deshonra cedendo agora; e que pelo contrario poderia resultar-lhe mór desdouro com immenso mal continuando uma luta desesperada, cujas consequencias são difficéis de prever na actualidade: attendendo ao interesse da Europa, querendo poupar-lhe inutil effusão de sangue, interpretou, sobretudo, o interesse da Russia preservando-a do maior perigo em que se tem achado.

A acceitação das propostas tem conseguintemente o duplo objecto indicado, como explica claramente o *Jornal de S. Petersburgo*: repetimos que a declaração da fo-

lha russiana deve satisfazer-nos, pois que diz quanto basta para que a ninguém se occulte o sentido da acceitação; demais d'isso, contradiz implicitamente uma participação de Berlin, porventura supposta ou forjada, que annunciava uma circular do gabinete de S. Petersburgo a todos os seus agentes diplomaticos, em termos declaratorios de não serem as concessões da Russia dictadas com a mira no seu proprio interesse.

Seja como for, a acceitação do ultimatum austriaco tira as potencias allemãs d'um estado que se complicava mais e mais a todos os momentos. Conhecidas são as obrigações, que denominaremos contradictorias, derivadas para a Austria e para a Prussia do convenio de 20 d'abril ultimo, no qual se estabeleceu que a primeira seria chamada em socorro da segunda sendo esta acommettida ou desaeitada pela Russia, e se pactuou que a Austria, pela sua parte, se collocasse em attitude de auxiliar a Russia se as potencias occidentaes a guerreassem. O gabinete de Berlin não havia perdido de vista o teor de tal convenção, por quanto a estada do coronel Manteuffel em Vienna tinha por objecto principal certificar-se da intenção de cumprir ou não a Austria aquelles compromissos, e do apoio da mesma para proteger os direitos e interesses da Prussia que perigariam com o bloqueio de seus portos. Este diplomatico tinha de pedir, além d'isso, explicações sobre o memorandum convenccionado em 28 de dezembro entre os gabinetes de Paris, Londres e Vienna.

Não parece que mr. de Manteuffel tivesse obtido mui directa explicação sobre todos estes pontos, contentando-se o conde Buol com a viva pintura que lhe fez dos males que em particular para a Russia, assim como para a ordem estabelecida na Europa, resultariam de terceira campanha, que já não poderia encerrar-se nos limites das anteriores. Indicou que a restauração da Polonia chegaria a ser consequencia necessaria da invasão das provincias polacas da Russia; que os vencedores, em virtude do direito de conquista, disporiam d'essas provincias russianas; e que a Austria contribuiria cedendo a Galitzia, e a Prussia tambem o ducado de Posen, sendo aquella indemnizada pela aquisição dos principados da Moldavia e da Valaquia.

Pelo menos são estas, segundo um jornal francez que presume de bem informado, as communicações feitas pelo conde Buol ao coronel de Manteuffel, e assegura-se que ellas decidiram o rei Frederico Guilherme a cooperar activamente no sentido da paz junto á corte de S. Petersburgo.

As correspondencias de Vienna testemunham a firme attitude tomada pelo imperador Francisco José no negocio diplomatico que motivou a viagem do conde Esterhazy á corte da Russia; e é certo que ao gabinete austriaco deve attribuir-se o prompto resultado obtido; os seus ministros obedeceriam á ordem prefixa de cessarem as relações com a Russia se as condições do ultimatum não fossem acceitas sem reserva ou restricção alguma.

De todo o expellido deduz-se unicamente que temos conferencias convocadas em Paris para tratar dos preliminares da paz. Começando em Inglaterra a discussão da mensagem em resposta ao discurso da corôa, annunciou o ministro dos negocios estrangeiros que em todo o caso o armisticio seria de curta duração. Lord Palmerston pediu á camara dos communs que se abstivesse de commentarios sobre o assumpto em questão em quanto durassem as conferencias.



## A INSTRUÇÃO PÚBLICA EM PORTUGAL.

## CAPÍTULO II.

## DO CLERÓ E DA SUA INFLUÊNCIA SOBRE A INSTRUÇÃO.

## I

À frente de um dos capítulos das suas MEDITAÇÕES o Conselheiro Bastos apresenta o seguinte trecho extrahido de Plutarcho: «Percorrei a terra e acharei cidades sem muros, sem sciencias, sem artes e sem rei; homens sem habitações fixas, sem uso, sem conhecimento da moeda, sem exercicios de corpo, sem theatro, sem espectaculos; mas não encontrareis um só sem Deus, sem culto e sem sacrificio.» É a universalidade das crenças religiosas trazida em poucas palavras, a tendencia do homem, ente fraco e impotente, para reconhecer uma outra entidade superior, forte, grande, omnipotente.

Effectivamente nem só não ha um unico paiz sem divindades; mas até não ha um unico, em que pelo seu adiantamento ou atraso se não possa inferir do adiantamento ou atraso da sua religião: do maior ou menor aperfeiçoamento do culto o estado de perfeição e progresso da sua civilização.

Ninguém se póde eximir de pagar este tributo ao Creador. O sceptico não existe: mais ou menos modificado, o sentimento religioso estende-se a toda a humanidade. Aqui é o Omnipotente adorado nos seus effectos, além é a causa, acolá uma cousa indeterminada e vaga chamada o acaso. O espirito investigador do homem levava-o a indagar o porque, a razão sufficiente da existencia de todas as cousas; de gradação em gradação chegou a uma barreira, d'onde a intelligencia humana não podia passar, e ali, no desconhecido, estava a causa suprema, porque o immenso, o infinito, o mysterio impenetravel, é Deus.

Tendo de cair ante esse poder superior, o homem, que se reconheceu sujeito e á mercê da vontade suprema, procurou, humilhando-se, abrandal-a pela submissão e pelos rógos; porque na sua mente imperfeita não comprehendia a força sem violencia, e julgava tornar propicia a divindade com supplicas e humilhações, como via, que os animaes inferiores o conseguiam de si pelos mesmos meios.

Assim o temor foi o primeiro incentivo do culto, e o egoismo, que nascia com o homem e que tinha de o acompanhar mais fiel do que a sombra, foi a origem dos primeiros sacrificios; adorou tudo o que o poderia destruir como o selvagem adorou Colombo, que o ameaçara com a destruição, ou Caramurú, que levava consigo o fogo e a morte.

Em quanto viveu solitario, tributava no isolamento a adoração á divindade e em cada ponto, para onde ia, encontrava um lugar apropriado para o sacrificio. Mas não era o seu destino viver na solidão, a sociedade tinha de ser creada de tantos elementos espalhados, a familia precisava tomar raizes, a tribu devia nascer: e o culto, que até então, acompanhava o homem, e subia aos Ceus, isolado como elle, tinha de partilhar o seu estado social, e elevar-se de entre a nova reunião, representando os votos de todos.

Desde este tempo, quando a devoção traduzida em ceremonias começou a tomar vislumbres de organização, e isto coincidiu com a organização das sociedades, foram escolhidos, de entre todos, os mais respeitaveis para representar seus irmãos perante a divindade, e para lhe dirigir as supplicas geraes. Á medida que o homem ia adquirindo o conhecimento da propria fraqueza, ia reconhecendo tambem, quanto era incapaz de comunicar com o Creador, e delegava para um fim tão solemne, os que lhe pareciam acima do vulgo, e melhores do que a generalidade, como de entre os productos do reino vegetal e animal escolhia o mais mimoso e bem creado para offerendas e holocaustos. Taes foram os primeiros lineamentos do sacerdotio.

Ao principio os anciãos, que a idade e os conhecimentos tornavam venerandos; depois os que pela virtude se faziam notaveis; ultimamente os que um trabalho especial e estudos apropriados ajeitavam a este mister: primeiro os patriarchas e os chefes de tribus; depois os sacerdotes, os brahmanes, os facquirs e os sacrificadores; ultimamente os padres, os ministros e os frades.

Hoje, que temos assistido a revoluções tremendas motivadas pela religião, e instigadas pelos seus sacerdotes; hoje que temos visto milhões de homens assassinar-se por um dogma, regiões inteiras nadarem em sangue por amor de um ponto de doutrina, não nos causa extranheza as seguintes palavras, com que um livro antigo define o poder d'aquellas corporações nos primeiros periodos do mundo. «Adoptaram para si o direito exclusivo, de se constituirem pedagogos das nações, de lhes servir de medicos, de juizes, de negociantes e de ministros. Os actos particulares ou publicos, que não recebiam a sua sanção eram reputados nulos, e infructuosas as negociações, que se não sujeitavam aos seus conselhos. Chegaram a levar a audacia a ponto de levantar mãos sacrilegas ás cabeças dos soberanos. Na Ethiopia o povo era bastante imbecil para consentir que estes ambiciosos fanaticos matassem o rei, com authoridade sua unicamente, quando o principe malaventurado desagradava á ordem sacerdotal. (1)»

(1) Cerimonies et coutumes religieuses de tous les peuples du monde. — Amsterdam 1789.

Effectivamente, nos primeiros tempos o sacerdote era tudo: a sciencia, a politica, a civilização provinham d'elle. Nem podia deixar de ser assim. Quando a escripta se não conhecia, e que todo o cabedal dos sabios consistia nas tradições, quem senão elles, os mais idosos e os menos occupados das cousas da guerra, poderiam reservar, em tanta copia os conhecimentos toscos das primeiras gerações! Depois, quando os manuscritos perpetuavam os factos, quando a pedra deixava entalhar no seu seio as acções que careciam uma existencia mais duradoura, e não a que lhes dava o papyro, onde, senão nos templos se recolhiam os escriptos e resguardavam os marmores, fontes da historia e do saber! Onde, senão nos logares, cujo adito era prohibido aos profanos e em caracteres, que o vulgo desconhecia!

É por isso, que se nos remontarmos aos primeiros periodos da humanidade, se, afastando o tenebroso véo da historia, formos á India, veremos os Brahmanes, classe erudita, constituir o corpo scientifico d'aquella vasta região, e conservar nos mysterios do culto, nos alicerces da religião, como em monopolio o saber d'aquellas eras.

Nos successivos addicionamentos, que recebia a theologia impubere de então apparecem traduzidos os dados, com que a sciencia se ia enriquecendo. Todos os factos que não podiam ser filiados n'outros factos, todas as idéas, que despontavam no ainda annuado horizonte das suas sociedades, recebiam uma sagração respeitosa, incarnando-se em novos deuses e tomando corpo de divindades, que invadiam o terreno mystico da sua adoração.

A arvore, a montanha, o rio, a pedra, antes novos, objectos, que se exploravam eram deificados sob o aspecto do animal que tinha com elles ligação mais intima, que alli mais costumava apparecer ou que mais predilecto lhes era.

A metampsyrose indica fundada no seu polytheismo nos traços com facilidade esta marcha admiravel por veredas desconhecidas: a grandeza da vegetação, a luxuriosa magnificencia que a natureza ostentava n'aquellas regiões abençoadas é traduzida pela collossal magnitude dos templos e dos deuses. A architectura, que apenas desabrochava mas que á semelhança das crenças que tem de ser heroes, deixava aperceber n'esses primeiros ensaios um futuro de gloria, abria o seio dos montes para fundar os templos de que ainda vemos resquicios nas ruínas de Elnora; e como pouco segura da sua recente existencia baseava-se na brutalidade das massas, como mais tarde no floreado das arcarías havia de indicar os seus admiraveis progressos.

Ali, que nasciam os primeiros rudimentos do mundo notámos já a preponderancia sacerdotal apoderar-se da sciencia e convertel-a em propriedade sua. Ali o Brahmane era formado por um vasto tyrocínio, que constituia a iniciação: e aquelle a quem a natureza prodigalisava menos intelligencia era expellido, dos templos e prohibido do culto, como indigno de interpretar as vontades dos deuses.

Eugéne Pelletan descrevendo o estado da India nos tempos primátivos expressa-se assim a seu respeito:

«Protegida pelo clima e ajudada pela natureza amiga, foi a primeira, que se elevou á civilização e ao pensamento: creou codigos e dogmas, ou antes confundiu codigos e dogmas na theologia, por que então a religião era a sciencia. O padre era o sabio».

E enquanto que Brahma fazia nascer o guerreiro, o lavrador e o escravo, a quem dava mulheres e destinava para a reprodução, o sabio, o brahman, que havia de ser sacerdote era condemnado ao celibato e só ligado a uma esposa puramente intellectual, as escripturas sagradas dos bedas. Tinha de entregar-se á cultura da alma e á producção das idéas e não ligar-se como os outros aos trabalhos do corpo e á multiplicação da especie. O brahman era a intelligencia, a sua alliança devia de ser com o estudo, porque d'ali tinha de nascer a sciencia.

No Egypto, paiz das fabulas e das pyramides, do imaginoso e do grande, ainda ao sacerdotio cumpre a cultura do espirito e aquelles estudos, que só elle, pelo seu isolamento, póde proseguir. Ahí já a sciencia se não acha espalhada por toda a religião, como na India, não se mistura com todas as creações suas, mas, embora presidindo a tudo, condensa-se e toma corpo no mysterioso Hermes, o sciencia especializada, e cujo culto venerando consiste mais nas abstracções da intelligencia.

Todavia, apezar d'esta separação, Izis e Oziris, divindades de maior vulto dos Egyptios, devem ainda o nascimento ao estudo dos homens. A primeira prendem-se os conhecimentos terrestres e todos os factos do seu dominio; ao segundo, symbolisado no Nilo, fecundador admiravel, ligam-se materias de ordem differente, e que tiram origem do seio das aguas. A geometria necessaria n'um paiz, em que as inundações, alterando a face da terra, exigiam medidas que lhe remediassem os estragos, nasce ainda do seu clero. A architectura, mais aperfeiçoada já do que na India, a architectura, que nos espanta construindo as pyramides, ou creando as sphinges monolithes pasmosos, vai ainda nos templos e para os templos talvez implorar o nascimento.

Educados pelo passado os sacerdotes prevêm o futuro, e em oráculos previdentes deixam crer aos profanos a existencia de conhecimentos do porvir n'aquella corporação, que de tudo dispoem. A arte de contar o tempo he filha do estudo dos sacrificadores: e as sciencias todas prestando homenagem, como os homens, aos cultores da

divindade, vem augmentar a grandeza do pedestal, em que a posteridade admirada soletta progressos gigantes.

Bastantes males causava o sacerdotio então, como, mais ao depois, os causou tambem: as discordias civis provinham muitas vezes das suas ambições, as derrotas na guerra dos preconceitos, que incutiam no vulgo a respeito dos deuses, e todos conhecem a batalha, em que os Persas collocando á frente do exercito os animaes adorados pelos Egyptios os derrotaram completamente, obri-gando-os a não lutar para não commetter um sacrilegio. É verdade, que foram grandes os prejuizos que provieram d'elles; mas os seus beneficios foram tantos e de tanta monta, que forçoso é tributar-lhes o respeito, a que fizeram jus por trabalhos importantes e de valia impagavel. Egoistas são, em geral, as dadas todas dos homens, todavia, quando a humanidade tambem lucra com o fructo d'esta paixão, o fiel da balança da historia deve ser mais propicio e a censura menos severa.

Em tempos menos remotos, duas grandes nações, que por largos annos ambicionaram o dominio do mundo, não se esquivavam a esta lei geral, a que vimos submeterem-se os primeiros povos. Roma e Grecia, patria de guerreiros e de sabios, berços de Cezar e Platão, vão ainda aos templos depositar a sciencia e no seio dos augures colher verdades desconhecidas. Roma deve a sua existencia aos agouros, aos agouros tambem o fratricidio, que maculou o seu nascimento, á voz dos deuses intreprtrada pelos sacerdotes a origem do entusiasmo guerreiro, o porque de grande parte das guerras civis, como é ahí tambem, que encontra a explicação de derrotas e a causa sufficiente de grandes acontecimentos. (2)

Quando Roma, a ponto de ser invadida pelos Gaulezes, é salva pelos ganços sagrados; quando nas entranhas palpitantes das victimas os aruspices prophetisam o resultado das batalhas felizes; quando o codigo importado de regiões extranhas se vai abrigar nos penetraes do Capitolio: é ainda para os deuses e seus ministros, que o povo se volta reconhecido agradecendo-lhes os beneficios, que recebe.

Sempre protegidos e acatados, dispondo de grandes recursos e livres das inquietações externas, aqui, como sempre, são os sacerdotes os que mais apuram o espirito e deixando aos profanos a cultura da eloquencia forense e das artes militares, reservam para si a philosophia e o estudo onde o seu poder arrega a existencia.

A Grecia, que tem de mandar ao mundo os grandes philosophos e historiadores, que tem de dominar com o pensamento o mundo, que Roma tentou dominar com a espada; a Grecia, ainda que pelo seu destino civilizador tende a propagar a sciencia, e estender os beneficios da instrucção a todos, reserva ainda para os sacerdotes grande cabedal de conhecimentos, e não desconhece os favores, que recebeu dos manuscritos sagrados.

Os templos são ainda o santuario do saber, e os philosophos vão no recinto sagrado expôr doutrinas e instituir escolas, como para pagar o tributo devido aos lugares onde receberam as primeiras luzes.

Se lançarmos os olhos para o povo escolhido, coevo ao nascimento do mundo e que o acompanha em todas as epochas, se formos ahí estudar a importancia dos ministros sagrados e o impulso, que elles deram á sciencia, se nos tabernaculos sacrosantos formos solettra os primeiros passos, que deu na philosophia o povo de Deus, se no Deuteronomio ou no Cantico dos Canticos, formos descortinar os mais elevados preceitos das sciencias moraes e da poesia; ainda ahí nos extasiamos perante uma corporação grandiosa, que ao mesmo tempo domina o corpo e a alma. Salomão, o rei sabio, e David o rei poeta, vão aos templos pedir a sagração sacerdotal, e o lustre da condição ecclesiastica.

Na historia e na physica, na moral e na hygiene, as conquistas dos homens ficaram gravadas nos livros dos santuarios. E o sacerdote, que tem de reger uma nação guerreira, ao mesmo tempo que com a espada a conduz a regiões desconhecidas, rasga-lhe com a penna o veu dos grandes mysterios da philosophia.

N'este povo abençoado todos os ramos da sciencia tem dignos sectarios nas phalanges dos sacrificadores, e o sacerdote reconhecendo, que a sua missão o obriga a maiores trabalhos, do que ao resto do povo, tracta de se lhe elevar pela intelligencia, como para se tornar mais digno de comunicar com a divindade segundo lhe prescreve a posição que occupa.

Materia para bastantes volumes era o objecto d'este nosso primeiro capitulo: largos tractados existem, onde espalhados colhemos os elementos de que nos servimos. Muitos povos da antiguidade deviam de ser estudados, e estes mesmos, em que tão de leve tocámos, careciam de mais prolongados estudos; mas se nos deixassemos ir atraz dos nossos desejos, e não do que comporta com a natureza d'estes artigos, escreveriamos muitos volumes e não um pequeno livro.

Assim, pondo de parte os Assyrios, os Medas, os Persas, os Carthaginezes e outros povos de importancia secundaria, ficaremos aqui por em quanto para analysarmos em breve rapidamente o clero desde a era christã até

(2) Um exemplo bastará entre muitos: Tendo o consul Flaminio dado a batalha de Trascinene sem consultar as gallinhas sagradas, suppoz-se geralmente, que o mau exito d'esta batalha proviera d'este descuido. — Dupuis—Origine des cultes. — Dotados de sagacidade superior os ministros dos deuses, aproveitavam e filiavam na religião, todos os resultados favoraveis ou desfavoraveis dos negocios publicos



nós, qual o estado em que actualmente se acha e qual o em que deveria estar; como e quanto podera influir na instrução, e quaes os meios de obter um bom resultado para semelhante fim. E, agora que as nações começam a antever inquietas a vinda do Messias; agora que a historia marca uma das suas divizões e offerece um momento de descanço ao historiador, descancemos nós tambem e tractemos de preparar os olhos costumados ao crepusculo das religiões antigas, para encarar, sem serem deslumbrados o grandioso clarão do astro da christandade, que vae surgir na Judea.

Continúa.

R. PAGANINO.

D MANUEL JOSÉ QUINTANA E A LITTERATURA CASTELHANA MODERNA.

III

(Continuação.)

Poucos sabem que em Gongoza se encontraram reunidos o frescôr da imaginação aos mais criminosos arrojões e aos desvanecios mais insipidos do estro. Poucos sabem que em Gongoza se combateram muitas vezes a simplicidade e a formosura das imagens, com a viciosa prodigalidade de metaphoras, absurdos e de tropheos desvaírados. Poucos suspeitam que a mesma phantasia, que, como se estivesse já bruta e insensível, só se deleitava em pinturas absurdamente magestosas e disformes, achasse, por vezes, agradável deleitação nos quadros singellos, onde o lapis corre ligeiro e descuidoso, traçando sem exaggeração e sem esforços, os contornos, onde a natureza apparecia na bella simplicidade das suas feições e na harmonia singella dos seus bosques. Ninguém diria que a phantasia enferma que sonhou o *Polyphemo* e *Galatée*, podesse nos intervallos de laudes, quando a musa genuína lhe acudia espontanea e complacente á invocação, avejar a lyra á suave melodia e á gentileza e formosura das discussões e dos conceitos em alguns dos seus romances. Recusa-se o espirito a acreditar que aquelle fecundo engenho, que infectou e corrompeu as lettras castelhanas, podesse alguma vez brotar de si flores aromaticas, mas sylvestres na sua nativa singelleza.

Acostumámo-nos todos a execral-o como um grande malfetor que andou preventendo os animos dos seus admiradores com o alcorão de uma nova religião poetica, a qual depois de dominar por mais de um seculo, caíu apudada pelo ridiculo e proscripta pelo bom senso universal. E assim como as virtudes, se algumas resplandecem n'um grande criminoso, são deslumbradas em face dos seus crimes e attentados, assim tambem todos os dotes de Luiz de Gongoza, se sumiram para a posteridade sob as manchas do seu caracter poetico, deslustrado pelos seus malfetios litterarios.

A poesia castelhana descaíra nos ultimos annos da sua dureza primitivo, no prosaísmo das imagens e no plebeísmo da locução. A imitação classica regravava até certo ponto os vãos da phantasia, e soburdinava a concepção dos modernos vates aos limites que lhes haviam, sem o pensar, imposto os poetas gregos e latinos. Só os engenhos de primeira ordem sabem conciliar a imitação com as liberdades do verdadeiro estro; só elles podem sem sair da escola poetica, em que se filiaram, copiar-lhe os tons geraes do estylo, deixando á phantasia as seus fins de inventora. Os talentos mediocres, vivem da imitação que é mais facil e mais prompta. Para copiar basta o estudo; para imitar, embellesando o painel ou alterando-lhe variadamente as porporções, agrupando diversamente os personagens, combinando as attitudes, enriquecendo a palheta de novas côres, é preciso que a erudição e o talento conspirem n'uma alliança duas vezes facil de realizar.

Os poetas dos tempos floridos da Grecia e de Roma, primavam pela naturalidade dos conceitos e pela mesurada compustura das imagens. Os poetas imitadores entenderam na melodia que a suprema fórmsura era a clareza das sentenças, a repetição eterna das maximas já plebeas á força de vulgares, a ausencia de todo o colorido poetico, e a phrase arrostada e trivial dos colloquios populares.

Gongoza achou a poesia deslustrada por aquellas ultimas lutas que disfarçavam na cega idolatria da antiguidade, a curteza dos seus talentos e que levantavam odiosamente um falso testemunho á musa facil mas elegante de Horacio e de Pibullo, dizendo-se os imitadores da sua maxima, e os seus successores e herdeiros no Parnaso. Gongoza levantou-se para reformar as lettras e apressou a sua ultima ruina; á similhaça d'estes imprudentes utopistas, que affrontados do imperio exclusivo das abusivas tradições, e humilhados na estreiteza e no rigor das leis antigas, dão á sociedade por principio a dissolução, e por unico regente a anarchia.

A tão degenerada e impopular havia chegado a poesia, que Luiz de Gongoza, e com elle a turba dos *culturanistas*, entenderam que a linguagem poetica nada havia de ter de commum com o humilde e rasteiro dizer do povo, e que a primeira necessidade da regeneração litteraria a que mettiam hombros, devia ser a formação de um dialecto culto e arrebicado, onde as palavras sequipedaes e os neologismos insolentes expulsaram do seu lugar as palavras triviaes e intencidas de toda a gente. Não era lícito dizer as cousas como naturalmente occorriam ao pen-

samento. O primeiro dever do *culturanista* era disfarçar-as n'uma vestidura extravagante, especie de trajo mesclado de imperador e de lunatico, onde a magestade da phrase contrastava singellamente com o ridiculo do conceito. A allegoria e a metaphora, profundamente distribuidas, davam os quilates do engenho, e manifestavam o artificio do pensamento.

O primeiro escolho que o poeta, ou o que se intitulava, devia cortar cautellosamente, era a verdade, porque ameaçava, para elles, o mais desabrido de todos os naufragios, o da trivialidade. Ser natural era ser plebeu; ser desartificioso, rude; ser singellamente onzado, pobre de inspiração. Hoje o supremo empenho dos poetas é disfarçar o artificio no meio das pompas estudadas, parecer mais apaxionado do que erudito, e dizer em versos aprimorados o que toda a gente pareceria haver cantado em condições iguaes, e repetir em versos o sentimento commum de todo um povo. Para Gongoza e para os seus proselytos a suprema perfeição consistia em dizer tão estranhas cousas, que ninguem, a não estar iniciado nos arcanos d'aquella seita, podesse jámais haver comprehendido, quanto mais espontaneamente sentido e patenteado.

De Apelles se refere que, a um mediocre pintor, que havia debuxado a Helena mais exornada do que formosa, e que mais se presumia em cobrir de joias que em retratar a suavissima expressão da sua phisionomia, disse em tom reprehensivo «mancebo, não a soubeste pintar bella; debuxastel-a rica.» Tal foi o caso da poesia, devastada por estes vandalos que sob colôr de a cobrirem • idealisarem, a mudaram por mais de um seculo, arrebicando e compondo em tão affeminadas e ultrajantes roupagens. que de dama, resplandecente de formosuras naturaes, a tornaram velha presumida e caprichosa arremedando com rememadas garridices na decrepidez precoce, as singellas louçainhas da idade juvenil.

Ninguém se admira que a poesia chegava ao fim do primeiro terço do seculo XVIII tão barbara, como a fizeram as exagerações dos *cultos* e dos *conceptistas*, quando se observar que pouco depois das extravagancias de Gongoza, um poeta para vergonha perpetua das lettras hespanholas e do espirito humano, n'um poema absurdo, cujo titulo de *Selvas del año*, para significar os estudos, era já uma rebellião contra o senso commum, descrevia a entrada do estio n'estes versos inqualificaveis:

Después que en el celeste anfiteatro  
El ginete del día  
Sahe elegante toréo valiente  
Al luminoso toro  
Vibrando por rejonés, rayos de oro;

E continuando a descripção com o mesmo criminoso atrevimento de metaphoras., dizia:

Después que en singular metamorfoze  
Con talones de pluma  
Y con crista de fuego  
Á la gran multitud de astros luziente  
Gallinas de los campos celestiales  
Presidio gallo el braquirubio Febo  
Entre los pollos del Findasio huevo.

Depois que era licito a um poeta insultar n'estas insulsas allegorias a magestosa simplicidade da natureza, depois que a estrada do sol no signo de *tauro* era figurada por um combate de toiros, em que o astro do dia se abaixava ás funções humildes de toureiro; depois que foi licito fazer da abobada celeste nm gallinheiro ignobil e figurar o sol como um gallo de esporões mettidos entre dous frangãos, com que o poeta queria designar a constellação de Castor e Pollux; só restava erguer por capitulo aos vates um asylo de lunaticos, e trocar o laurel dos verdadeiros genios por uma corôa de cascadeis.

Mas o publico, apesar de que a poesia era então difficillima de comprehender, applaudia e victoriava estas produções do estro felicitante. Se é verdade, como disse um escriptor notavel, que entre a imaginação e a loucura ha apenas a grossura de um cabello, nunca os vates estiveram mais propensos a transpôr aquelle termino fatal. Mas é incrível que a intelligencia de uma nação vivesse de tão insipido e venenoso nutrimento. É incrível que o senso commum se tivesse debaxado ou antes obscurecido por tal forma que a faculdade espirital, mais appetitosa e mais exigente, a imaginação sobresae com delicias aquellas barbaras iguarias. E — cousa notavel! — são os dous povos onde a litteratura tomou aquelle gyro e aquella feição, especial e nativa da peninsula, os que mais se distanciam da civilização europea. São esses povos, os que por mais tempo, incultos e prostrados, foram descendo e humilhando-se, em quanto os outros onde só muito mais tarde amanheceu para as lettras, subiam e se illustravam em todo o genero de cultura.

Entre a Hespanha e a França ha apenas os Pyrenéos. Pois bem, desde Philippe II até Philippe V a França e a Hespanha parecem ter entre si o Sabara por territorio neutro, ou um oceano impervio, como o fabuloso mar de trevas dos antigos. Em quanto Racine e Corneille, põe em scena tudo o que a arte pode suggerir de mais gracioso: de mais correcto, o theatro hespanhol descaí da sua propria, embora desesperada originalidade. O seculo de Luiz

XIV, que foi a reproducção do de Perides, o seculo da rainha Anna, que foi a mais fecunda quadra para as lettras inglezas, são o mesmo seculo, que em Hespanha marcou a idade ferrea (para a litteratura peninsular).

Continúa.

J. M. LATINO COELHO.

CHRONICA SEMANAL.

O Carnaval transformou-se entre nós: modificou os seus habitos e tendencias e quasi que perdeu uma das suas feições mais caracteristicas. Já se passou estes tres dias pelas ruas da Capital, sem perigo de ser molestado por uma laranja, sujo por um ovo e marcado por um estallo. Uns viam n'isto uma prova de civilização, outros um signal de tristeza, lamentando que desapareça mais uma tradição nossa, a exemplo d'outras muitas, privando-nos pouco a pouco, de tudo o que tinha cunho d'individualidade nacional. Para nós esta falta não o é que se sinta.

E comtudo o Carnaval foi cheio de animação e vida; nunca mesmo houve tanta. Mudou só a fórma da distração. Triumfaram as mascaras e a dança tornando-se d'esta vez paixão dominante. Pulou-se no *Baile Nacional* e polcou-se na *Floresta Egypcia*, quasi uma semana consecutiva, affluindo grande concorrência a ambos os divertimentos. Pena é que esta paixão, seja por ora uma paixão infeliz. Quizeramos vêr com o gosto das mascaras, o bom gosto d'ellas. A intriga em voz alta, em que muita vez se compromettem terceiros, é uma prova d'incivilização que desejamos ver desaparecer, por que provoca necessariamente scenas tumultuosas e desagradaveis. A mascara não authorisa tudo. Ha um limite de conveniencia que ninguem pôde transpôr licitamente. Substituir o motejo pelo atrevimento é erigir a ausencia do espirito por uma provocação perpetua e perigosa.

Um facto ultimamente acontecido no theatro normal, com a Comedia *O ultimo da raça*, que depois de approvada, representada e applaudida, foi mandada retirar da scena, em consequencia d'umas allusões, que offenderam o melindre d'um membro do conselho dramatico, obriga-nos a fazer algumas considerações que reputamos justas.

O theatro, a imprensa, e a tribuna são os meios mais proprios de publicação, por d'onde o povo recebe o alimento do espirito, aquelles por d'onde se fazem as reformas, se semeiam as idéas, se propagam as doutrinas, por onde se corrigem os abusos e se castigam os vicios. O principio da liberdade de imprensa, comprehende igualmente a liberdade da palavra na tribuna e no pulpito, a faculdade de dialogar e pôr em acção o que podera escrever-se n'uma narração, o que podera stigmatizar-se n'um discurso. Estas premicias não defendem a liberdade illimitada, nem quizeramos vêr authorisada a licença atacando os costumes, a religião e a sociedade; porém dentro dos limites que recommendam o bom senso não admittimos para a intelligencia, nem inquisição pela censura, nem commissão expurgatoria por qualquer produção que pode ainda de longe alludir a uma d'essas mil sinecuras, a um dos multiplicados beneficios simples que fazem o patrimonio *substancial* de parasytos já sobejamente regalados em altos empregos, e que os accumulam com outros sem que vejam a menor incompatibilidade.

Já era tempo de que o theatro tivesse uma censura esclarecida, e não estivesse á mercê de caprichos mesquinhos e vaidades loucas: era tempo principalmente de que a censura além de ser feita com criterio, fosse feita com igualdade e justiça. Que se saiba por uma vez o que é permitido e o que é defeso. Qual a barra que divide as conveniencias, as affeições, e as relações da amizade? Quaes os tribunales, os abusos, os erros que se podem atacar, e quaes os escolhidos que gozam da bemaventurança?

Feitas estas distincções poder-se-ha então escrever para o theatro sem receio de perder o tempo, sem risco de perturbar a santa paz dos parvos replectos, que na sua admiração mutua se protegem e sustentam. Designem por um traço bem profundo essas excepções por que ninguem as pôde prevêr não as vendo marcadas na legislação, nem conhecendo o codigo secreto que abriga e guarda os direitos de sua inviolabilidade.

Não se julgue que a posição social é que dá essa inviolabilidade: não, não é um privilegio de casta, não é um apanagio da grandeza. Todos os dias a realza é ferida na sua magestade; a nobreza no seu orgulho e defeitos, a burguezia nos seus ridiculos, e plebe na sua ignorancia; nenhuma das classes geraes é poupada. Permite-se uma comedia (vantagem concedida á companhia franceza e negada á nacional) em que o sistema representativo é ridicularisado até ao escarneo: ministros, pariato, deputados, eleições, tudo passa na lanterna magica debaixo das formas do grotesco, e a censura deixa passar sem a menor observação, sem o mais leve correctivo, proposições e scenas que são um escarneo á fórma ppolitica do nosso governo. Ha outras em que a liberdade da situação, o licencioso da phrase, o voluptuoso do dialogo, recommendavam mais reserva na escolha d'ellas; porém tudo passa na censura por que nenhum censor se julgou vêr tractado, e o vicio, como seja francez, torna-se virtude; o que era libertino converte-se em orthodoxo; o que era licencioso pôde enterpretar-se como edificante.



*Miracolo nuovo di natura e d'arte!*

Toda a comedia nacional, ou nacionalizada, não gosa das mesmas garantias, porque se crê ver em cada personagem um retrato, em cada dito uma carapuça. Ataque-se tudo, cousas e pessoas, se tanto quizerem: mas poupe-se a arca-santa, não se fira o santuario de certas conveniencias, por que então a censura é inexoravel, derruba sem piedade. Não se alluda ao vagar do caminho de ferro, não se falle em estradas, não se refiram... Isto então muito menos, ao novo instituto agricola; não firmem este palladio, esta instituição sacrosanta, que é ferir o que tem interesse de o conservar intacto.

E cuidado que não basta o não aggretil-o directamente: fallaes em pastos; acreditar-se-ha uma allusão directa; proferis o termo de animaes domesticos (*de basse-cour*) pensarão que é uma referencia de proposito; escapam-vos as palavras estrumes, adubos ou correctivos, e pretendem que é uma idéa associada. Embora a imprensa fulmine todos os dias os contratos não realizados, as obras incompletas, a quinta-modelo, e ponha em duvida os conhecimentos praticos que não têm os que tanto defendem a instituição; a imprensa passa incolume, por que a alçada da censura theatral não alcança o jornalismo; porém no theatro, ai do que affrontar este novo poder do estado; o conselho dramatico julga offendido um dos seus membros e insinúa a conveniencia de retirar a peça, por que duzentos ou tresentos espectadores poderão rir á custa d'um pepino ou d'uma alface.

O esboço d'um ou outro typo especial fica tambem cerceado a estreitos limites. O provinciano não pôde fallar, como se falla na sua terra: se o actor, para mais verdade da pintura, converter os *rr* em *bb*, julga-se que intentou copiar alguém cuja pronuncia é menos correcta.

E assim vae esta santa terra á mercê dos idiotas, e em tranquillo ocio o sereno descanso dos bemaventurados. As peças submettidas á analyse soffrem correções e alterações de toda a especie, sem que se saiba qual o tribunal auctorisado que exerce critica, se critica pôde chamar-se ao que não tem senso nem criterio.

Seria agora a occasião favoravel de atacar este novo embaraço que soffrem os auctores, esta desattenção affrontosa que diariamente se exerce, sem que se saiba d'onde vem a admocstação, nem quem seja o monitor; não queremos porém precipitar os acontecimentos, nem fazer-lhe perder o seu valor quando haja o objecto de ser radicalmente tratado; talvez em breve se produza o conflicto, e então o credito e desforço do offendido levarão

o latego ás fontes originarias d'estes abusos para impedirem de futuro estes delirios de obsecação e leviandade.

Subiu á scena na segunda feira *A Noiva do Coronel*, comedia imitada do francez pelo sr. Latino Coelho, que teve um exito feliz, e teria obtido duplicado se não fosse o disparate de a escolherem para um dia de Carnaval, faltando-lhe todas as condições proprias do tempo.

Esta comedia tem o merito pouco vulgar de ter ficado portugueza tanto na linguagem como nos typos. N'alguns dialogos o sr. Latino Coelho, aproveitou só a idéa do original e deu-lhe maior relevo, matizando-os com bastante espirito. O sr. Epifanio e as sr<sup>as</sup>. Delfina e Soler foram bem, e buscaram dar realce aos seus papeis; o resto da distribuição era má e prejudicou a comedia. *Por bem fazer mal haver*, que tambem foi representada n'esta noute, é tambem uma comedia chistosa, e em que o sr. Theodorico alcançou bastantes applausos.

Foram representadas no theatro francez, em beneficio do actor Miune, duas peças novas: *Gardée a vue*, comedia bastante livre, dialogada ás vezes com espirito, mas inconveniente em demazia. Os couplets tem quasi todos bonita musica. Correu regularmente no desempenho.

*Les Folies dramatiques*, é uma extravagancia litteraria, que abrange quatro parodias, a da tragedia, do melodrama, da ópera e da dansa, preenchendo quasi todas a iutenção em que foram feitas de despertar a hilaridade. O beneficiado deu mais uma prova da flexibilidade do seu talento, caracterizando os quatro papeis com acerto, e tirando d'elles partido, com especialidade na ópera, o que deu todo o relevo comico.

ERNESTO BIESTER.

## ARCO DE TRIUMPHO EM MUNICH.

Na grande campina que se prolonga pela margem esquerda do Isar, onde ha vinte e oito annos apenas se colhia algum verde e hortaliça, admiram-se agora os arrabaldes de Luiz e de Maximiliano, com seus formosos edificios apalaçados, quasi na maxima parte obra do rei Luiz! O que ha de mais notavel n'estes novos arrabaldes é inquestionavelmente a rua Luiziana, em cujo topo se ergue o magestoso arco de triumpho que a estampa representa. Tem aquella rua nada menos de 6:000 palmos de comprimento, e 180 de largura, e é ornada de soberbos palacios de um caracter verdadeiramente monumental.

Não se estranhe que a Baviera, levante edificios trium-

phaes, porque as suas tradições bellicas de outro tempo dão-lhe tanto direito a fazel-o como a Prussia, que tem a sua porta de Brandeburgo, e a França o seu elegante arco da Estrella.

A primeira pedra do arco de triumpho em Munich, que, bem como innumeraveis obras publicas de Munich, e em toda a Baviera, deve a sua fundação á munificencia do rei Luiz, lançou-se no dia 12 de outubro de 1843, anno decimo outavo do seu reinado. No risco do arco de triumpho de Munich, traçado pelo já defunto Gaztuer, pretendeu-se imitar o arco triumphal de Septimio Severo. A construcção começou-se ainda em vida de Gaztuer, e depois da morte d'este, occorrida em meiado do anno de 1847, foi encarregada a direcção da obra ao primeiro architecto Metzger, que a concluiu no fim do anno de 1849. No attico ha seis medalhões redondos que representam as provincias de Baviera, dous em cada um dos lados, e dous na fachada: no meio d'estes está uma lapida sobre a qual, da parte que olha para a cidade, vê-se em letras de bronze a dedicatória ao exercito bavaro, e da parte contraria o nome do regio fundador e a data do principio e conclusão da obra. Tambem é enriquecido de seis baixo-relevos, medindo cada um 20 palmos de largura e 12 de altura, representando combates do tempo dos romanos. No espaço entre a cornija e a volta do arco central vêem-se duas figuras de victorias aladas; e nos capiteis das columnas estatuas de 12 palmos de altura com palmas e coróas.

O monumento é coroado por uma victoria de 46 palmos de altura, em um carro tirado por quatro leões collosaes. Este grupo foi ideado pelo proprio monarcha fundador, executado em bronze, e está acabado com muito esmero, bem como todas as demais partes do edificio, que em geral faria honra ás maiores capitaes da Europa.

## FABRICA DE TABACO EM MADRID.

Este consideravel edificio fórma um parallelogrammo rectangulo, de 428 pés de frente e 237 de fundo, e occupa uma superficie de 101:436 pés. É uma das poucas obras publicas que deixou na capital da Hespanha o reinado de Carlos IV, se bem que o seu projecto fosse delineado e começado a executar no tempo do monarcha antecedente. É situado no extremo da rua dos Embaixadores.

A fabricação de tabacos em Madrid só teve principio em 1809 quando o governo de José Napoleão se viu obrigado a adoptal-a em consequencia da absoluta falta de



Arco de triumpho em Munich.



communicação com as fabricas de Sevilha, de Barcelona, e demais do reino; e para esse destino foi escolhido o edificio actual, que não tinha sido construido para semelhante applicação; porquanto no reinado de Carlos IV servira de fabrica de aguardentes e licôres, que então eram monopolio da real fazenda, assim como de cartas de jogar e outros objectos igualmente de estanco. No já citado dominio francez não passou de 800 o numero dos operarios; ultimamente excede a tres mil o das pessoas occupadas n'este estabelecimento. A vista que estampamos offerece o interior d'uma das officinas.

#### UMA VIAGEM PELA LITTERATURA CONTEMPORANEA.

(OFFERECIDA AO SR. A. HERCULANO)

L. A. REBELLO DA SILVA.

#### IV

Ao lado do jesuita collocou Rebello da Silva um homem notavel, que avulta na historia politica d'aquella epocha, pela consummada experiencia e habilidade com que costumava dirigir os negocios, grangeando uma reputação merecida, não só entre os seus concidadãos, mas até entre os diplomatas de Luiz XIV e Luiz XV, que trataram com elle: é Diogo de Mendonça Côrte Real, secretario das mercês, no reinado de D. Pedro II, aos ultimos momentos do qual assistiu, passando d'ali a receber as primeiras confidencias do seu successor e ganhando a sympathia e confiança do filho, como tinha sabido alcançar o valimento do pae.

Este personagem é o estudo historico mais completo do romance de Rebello da Silva. Além dos archivos que devassou, das memorias que folheou e dos opusculos que consultou para se penetrar bem da epocha que tinha de revelar, deu-se á analyse inteira da vida d'aquelle homem, para o reproduzir semelhante. Não inventou, retratou sem deixar escapar tique algum característico. Iniciou-se profundamente no seu modo de pensar e dizer, espreitou as suas tendencias e aspirações, e animou-as do fogo sagrado da sua inspiração, dando-lhe a naturalidade, tão rara e invejada.

A jovialidade grave que o distinguia, a sua provada polidez, o chistoso dos seus ditos, o atilado dos seus conceitos, todas as qualidades finalmente que ornavam o ministro de D. João V, ostentam-se no retrato com uma verdade de cópia, que honra o melhor pintor. Vê-se o homem politico revestido d'uma alta estrategia diplomatica e dotado de fino espirito, aplainar, vencer e desfazer todas as difficuldades, resistir a todas as invectivas, vacillando só em frente da implacavel companhia de Jesus, personallisada no Padre Ventura.

Jeronymo Guerreiro vê-se, e não o disfarça o auctor, com a franqueza da verdadeira superioridade, que é uma figura por ora em esboço, destinada a ser fundida no molde que dá de si os *d'Artagnan* e os *Athos*. Não é uma imitação, nem se subordina a ellas o verdadeiro genio, que mesmo quando as faz as torna producto seu, communicando-lhe alguma parte da individualidade do seu talento: é a genealogia d'uma criação: é o ponto de partida da sua ascendencia. Jeronymo

Guerreiro, se nos apparecer de novo, e bem o quizeramos, trará provavelmente as feições rudes do soldado feito nos acasos e lances da guerra, e será então uma soberba figura. Por ora é ainda mancebo, no verdor dos annos que nem mesmo debaixo dos riscos da procella, e do sibyllar dos pelouros, barateando a vida, perdeu a frescura das primeiras impressões e a mobil generosidade, aberta a todos os sentimentos.

A galeria de typos comicos que guarnecem e enfeitam o quadro, são também habilmente traçados: o hypocrita e burlesco Thomé das Chagas, o erudito commendador Telles, o antiquario abbade Silva, e a senhora Perpetua das Dôres, todos elles e revelam a superioridade com que Rebello da Silva sabe animar as figuras grotescas, e fazer sentir os ridiculos que as completam.

Notámos, porém, um defeito nas scenas em que são interlocutores estes personagens que, a nosso vêr, as prejudica: é que se repetem quasi sempre analogas, que se multiplicam e não se renovam. Ha pouca variedade de lances e situações: os incidentes comicos são repisados. Muda apenas a fórma, a idéa fica a mesma. O talento de Rebello da Silva, tão brilhante e vigoroso na descripção e no desenho dos caracteres, parece fraquejar um pouco na invenção do enredo.

O movimento não abunda nos seus romances, falta esta, porém, poderosamente compensada na vida que sabe dar ao que descreve.

Se o leitor não devora a pagina correndo atraz do desenlace, a que prende o maior interesse, deleita-se e maravilha-se lendo-a, porque encontra n'ella a sedução

irresistivel do estylo e da pintura fiel e exacta dos acontecimentos, que contempla extasiado como o faria diante d'uma d'essas paizagens esplendidas que a natureza muita vez apresenta.

A *Mocidade de D. João V* justifica também pouco este titulo. A juventude do principe esta ali só esboçada, e o caracter mesmo do futuro monarcha, não está desenhado com o esmero e minuciosidade d'outros vultos que apparecem mais importantes na obra. O jesuita é na nossa opinião, quem verdadeiramente representa ali a idéa fundamental d'aquella acção, subordinada como está toda a elle, sem mesmo exceptuar os amores de D. João V. Mas que importa que a obra não preencha o titulo, quando resgata esta falta por tanta belleza, que a faz logo esquecer, não lhe tirando nada do seu valor, mas elevando-o acima de toda a expectativa.

As melhores paginas da *Mocidade de D. João V*, possuindo muitas d'um subido e incontestavel merito, são as do capitulo 'Sou rei.' Foi para elle, que Rebello da Silva, reservou um rasgo que dêsse idéa da alma nobre e elevada do moço rei.

Estava deveras inspirado quando as escreveu. Elevou-se nas azas de phantasia a uma altura, a que raros podem voar. N'aquella luta de amor e abnegação, de honra e dever, fez vibrar todas as cordas do sentimento e falou ao coração, commovendo-o e exaltando-o.

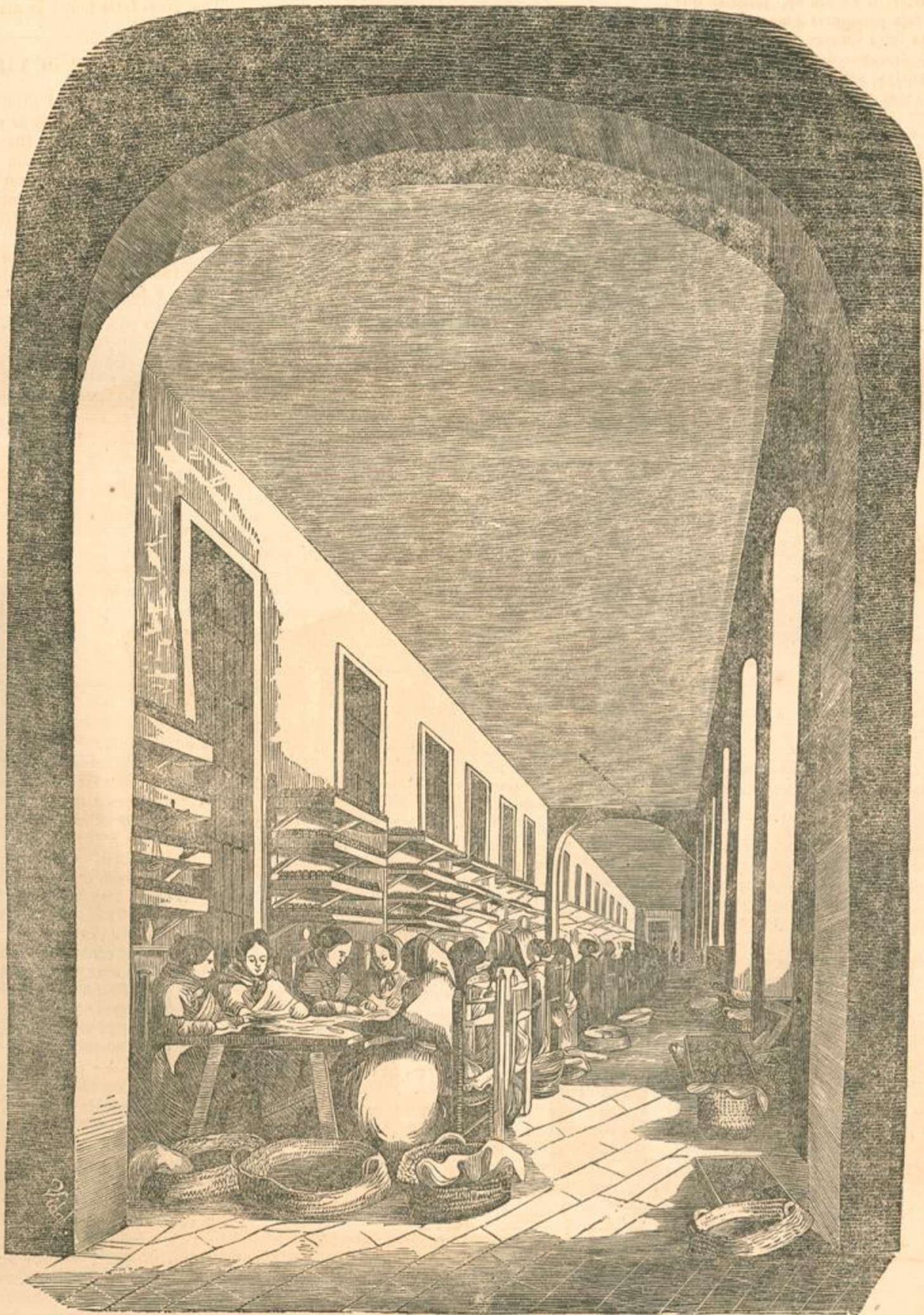
Rebello da Silva attingiu o sublime n'aquelle momento e revelou-o com a energia que só dá o verdadeiro genio. *A Mocidade de D. João V*, é um livro que ha de ficar como um dos monumentos litterarios portuguezes d'este seculo.

Continúa.

ERNESTO BIESTER.

#### OS COSTAS DE AMSTERDAM.

«D. João, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa, Senhor de Guiné e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India etc. Faço saber aos que esta minha carta patente virem que, tendo respeito aos serviços que me tem feito Hyeronimo Nunes da Costa, meu agente em Amsterdam, filho de Duarte Nunes da Costa, e por folgar de lhe fazer honra, acrescimentamento e mercê: Hei por bem e me praz de o tomar por meu creado actual no foro de cavalleiro fidalgo da minha casa, com a moradia, honras, preeminencias, privilegios, isenções, liberdades, e franquezas, que pelo dito fóro lhe pertencem, e que hão e de que gosam os outros cavalleiros fidalgos de minha casa segundo o direito e costume antigo destes meus reinos; e quero e mando que se lhe guardem e cumpram inteiramente sem duvida nem contradicção alguma; que assim é minha vontade e mercê, que é a mesma mercê que fiz ao dito seu pae em quatorze de junho de seiscentos e quarenta e um; e rogo a todos os principes, magistrados e ministros de quaesquer reinos provincias, cidades, que mandem e façam guardar ao dito Hyeronimo Nunes da Costa esta minha carta de creado meu actual e cavalleiro fidalgo de minha casa como dito é, para que gose dos titulos da nobreza e franqueza que conforme a ella lhe competem, e por firmeza de tudo lh'a mandei dar por mim assignada, e sellada com o sello grande de minhas armas. Dada na cidade de Lisboa a dezeseis de outubro. Manuel Corrêa a fez, anno



Fabrica de tabaco em Madrid.



do nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de mil e seiscentos e quarenta e seis annos. Melchior de Andrade a fez escrever. — *El-rei. — Marquez de Gouveia.*»

Continuando o mesmo Nunes da Costa o emprego de agente, não só com satisfação da corte de Lisboa, mas também dos Estados geraes de Hollanda, estes para lhe testemunharem agradecimento o presentearam em 1659 com um collar ou cadeia de ouro. Todos os embaixadores que n'este tempo residiam na Haia com elle se visitavam, com especialidade o ministro de França Mr. de Thou, o qual disse muitas vezes que não conhecia outro homem tão digno de fé e tão ornado de boas qualidades como era o Costa.

Havendo os hollandezes feito alguns progressos no Brazil contra os interesses de Portugal, do que procederam desintelligencias graves entre os dous governos, retirou o de Lisboa o representante que tinha na Haya. Isso deu occasião a ficar Jeronymo Nunes da Costa encarregado inteiramente de todas as negociações de Portugal, nas quaes manifestando sempre o maior zelo, deu novas provas da sua capacidade e experiencia. Apesar da rija opposição de D. Estevão de Gamarra, embaixador de Castella na Haya, alcançou o Costa que novamente fosse recebido embaixador portuguez junto aos Estados geraes e com todo o tratamento devido aos demais ministros diplomaticos das testas coroadas, o que o hespanhol Gamarra combateu fortemente, mas sem fructo.

Expedindo então Portugal Fernando Telles de Faro, deu este a mesma solemne entrada que na Haya tinham os embaixadores de Castella, com grandissimo desgosto do já mencionado, que confessava não atinar como um negociador judeu podia obter dos Estados geraes semelhantes cousas. Rebelleando-se Fernando Telles de Faro, com ingratição notavel e universal escandalo; e retirando-se para Lisboa pouco tempo depois o secretario da embaixada, chamado Ulloa, por causa de negocios, outra vez ficaram todos os relativos a Portugal a cargo do referido Costa.

Continúa.

## ROMANCE.

### IR A ROMA E NÃO VER O PAPA.

(AVENTURAS DE UM CAÇADOR.)

#### CAPITULO V

Do como o sr. Louis Louet, atraz do melro, passou de França á Italia e se achou sobre as aguas do mar.

— Apenas vi partir o melro, — proseguiu o Xenofonte dos caçadores, — arremeti ao muro do pomar e trepei por elle até lhe cavalgar a crista. Galgaria uma torre se a topasse diante. O melro pousou n'uma ceara de centeio. Não tinha almoçado ainda o animal: a natureza imperiosa instava-lhe pelos seus direitos.

— Admiravelmente expresso, — disse Méry involvendo-se n'uma nuvem em pouco como uma divindade mythologica.

O sr. Luiz Louet sorriu ao cumprimento como quem estava já habituado a elles, e foi por diante:

— Tendo verificado o pouso do passaro saltei para o outro lado do muro, atirando ao dono da hospedaria com a importância da ceia... pouco mais ou menos... e desatei a correr para o campo de centeio. Já tão cego com a ave que nem vi o guarda atraz de mim. Quando eu estava já no meio da ceara, pressentindo o melro que dava signal de si espanejando-se todo entre a relva, muito contente do seu almoço pelos modos; quando eu estava mesmo a fazel-o levantar, meus senhores... querem saber o que me aconteceu?

— Que lhe aconteceu? — gritaram todos.

— Sinto-me agarrar pela gola. Volto: era o guarda.

— «Em nome da lei, — grita-me elle. — Queira acompanhar-me a casa do nosso Maître.»

N'isto o melro vôou.

Cercado de um regimento que eu estivesse, romperia por elle para ir atraz do animal. Preguei com o guarda no chão como se fora uma carta dobrada, d'aquellas que as crianças infileiram para as derrubarem juntas de um sopro, e saí ás carreiras d'aquelle territorio pouco hospitaleiro.

Felizmente, o melro, satisfeito e reconfortado, arrancara um vôo estensissimo, de sorte que em pouco me achei consideravelmente distanciado do meu antagonista.

Quando cheguei ao ponto em que o animal pousara de novo, já com os bofes á bocca, de tal modo que por mais que quizesse firmar a pontaria nunca me foi possível quadral-o bem, nem enfiar-o na mira. Vendo que nada conseguia n'aquella occasião, disse comigo: «é o mesmo, nem sempre está o demonio atraz da porta:», e continuei a seguir e perseguir o animal.

Andei ainda todo esse santissimo dia. Para maior ajuda, tinha-me esquecido toda a qualidade de provimento. Levava a bolsa completamente vazia. Sustentei-me de fructos silvestres, e bebi a agua das torrentes.

— Como Nemrod.

Todo eu escorria em suor. Devia estar de metter medo!

Cheguei assim á margem d'um rio sem agua.

— Era o Var, — disse Méry.

— Exactamente; era o Var, — acudiu o sr. Luiz Louet.

— Atravessei-o, sem saber que na outra margem pisava

já o solo estrangeiro. Que me importava? Se eu via o melro saltando a duzentos passos na minha frente, n'um terreno pedregoso e claro, sem o mais tenue ramusculo que o podesse subtrair ás minhas vistas! Fui-me aproximando pé ante pé, mettendo a arma á cara de dez em dez passos. Estava-me já a pouco mais de tiro de espingarda, quando de repente um milhafre, um desalmado milhano, que eu já tinha visto a girar em circulo quasi por cima da minha cabeça, deixa-se cair como uma pedra, afferra o melro, e desaparece com elle!

Fiquei aniquilado, meus senhores! Então é que eu senti o estado em que estava. Tinha o corpo uma chaga com as urzes e os cardos. Trazia o estomago revoltado das estravagancias com que tentara enganar-o. Caí á beira da estrada.

N'isto passou um camponez.

Levantei-me como pude, e disse-lhe:

— Haverá por aqui perto uma villa, uma aldeia, uma cabana?

— *Gnor si,* — respondeu-me o homem, — *c'è la città di Nizza, un miglia avanti.*

Estava em Italia, nem mais nem menos. E n'essa epocha sem saber nem palavra de italiano, se quer! Tudo por um maldito melro.

— O que é a paixão de caça!

— Dizem bem, é uma paixão... infeliz. Verão agora.

Não podia comigo; não tinha remedio senão arrastar-me até Nizza que era o que me ficava mais perto. Os pés tinham-os como cepos. Encostei-me á espingarda como se fosse uma muleta. Gastei hora e meia a andar aquella milha, e tinha corrido leguas e leguas sem me sentir!

— É porque já o não alentava a esperanza.

— Fôra-se-me de todo a esperanza, é verdade: ficaram só a fraqueza.

Entre emfim na cidade. Perguntei á primeira pessoa que vi onde haveria uma hospedaria capaz, por que já vêem que estava morto de debilidade.

Felizmente intenderam-me e ensinaram-me para o *hotel* d'York. Era o melhor da povoação.

Pedi quarto para um, e ceia para quatro.

— Espera por tres amigos, o senhor? — perguntou o criado.

— Faça o que digo, e deixe o resto, — redargui seccamente áquella interpeção indiscreta.

O criado saíu todo casmurro.

Examinei então o que levava no bolso na idéa, de verificar a somma de que podia dispôr para a minha ceia, por que se me figurava que nunca me fartaria. Estava ainda no começo das minhas tribulações.

Metti a mão com plena confiança, e tirei-a cuberto de suores frios. Não sei como não caí ali redondo com um desmaio!

— Por que?

— Estava roto o bolso! Façam idéa.

Como era principio de mez, e eu havia recebido o meu ordenado do theatro, tinha-me provido, quando partira para a espera, em Marselha, de algumas moedas de cinco francos para o que desse e viesse. Com o pezo e as carreiras, romperam-me o forro, e ficaram-me sementeas em companhia do chumbo perdido, no caminho de Hyères a Nizza. Revolvi as algibeiras do colete, as da vestia, tudo. Nem um óbolo! Não atravessaria o Stygio, por que nem para uma pinga podia dar a Charonte!

Esta facecia mythologica, destinada a fazer admirar aos circumstantes a vasta erudição do sr. Luiz Louet, obteve um applauso mediocre.

O narrador, tendo dado em vão a pausa necessaria para saborear o effeito da phrase, d'esta vez remisso, continuou como quem deseja desferrar-se:

— Veiu-me logo á idéa a minha ceia encomendada para quatro pessoas, e senti espetarem-se-me os cabellos na cabeça.

Atirei-me ao cordão da campainha, e por um nada que não me fica na mão.

O criado veio á desfillada. Imaginou qno me tinham entrado ladrões no quarto, ou estava com a facea ao peito.

— «Encomendou a ceia?» — gritei-lhe esbaforido apenas o avistei.

— «Encomendei. Está quasi prompta.»

Os senhores sabem, em todos os paizes do mundo, é sabido que nas casas de pasto, cafes, e hospedarias, o que se encomenda está sempre quasi prompto, bem que nunca chegue.

— «Encomendou!» — bradei-lhe eu como se o pobre do rapaz tivesse commettido um attentado. — «Pois vá já dizer que não quero ceiar. Vá no mesmo instante.»

— «E os seus amigos?»

— «Vi-os da janella. Passayam por baixo. Disseram-me que não vinham.»

— «Não vem! Sem mais nem menos! Por que?»

— «Por que perderam o appetite.»

— «Mas o sr, sempre ha-de ceiar.»

— «Quando os meus amigos não têm appetite, nunca eu o tenho tambem, fique sabendo.»

— «Jantou tarde talvez?»

— «Tardissimo. Tenho ainda a sobrezeza na garganta.»

— «Não precisa de mais nada?»

— «Mais nada.»

Disse-lhe estas poucas palavras n'um tom que o aterrou. Quando saíu, ouvi-o responder no corredor a um companheiro que lhe perguntava quem eu era!

— «Não sei: é um bruto de soberba.»

— «Então é um inglez, — concluiu o outro.»

Eu inglez! Vejam a que tinha chegado! Os rapazes não eram physionomistas.

No entanto a minha posição não tinha nada de agradavel. O meu fato estava em tiras, e já não podia ter o minimo valor. Restava-me a espingarda. Mas quem me havia de querer a espingarda, e quanto me dariam por ella? Uma ninharia naturalmente. Levava no dedo um solitario... era este mesmo, meus senhores... mas era uma memoria...

— Puramente sentimental? — interrompeu Méry, que sabia os fracos do sr. Luiz Louet.

— Respeitemos o passado, — acudiu o caçador com um Larraga inteiro na ingenuidade hypocrita do cerrar pudico dos olhos, e uma ode anacreontica no sorriso serodio e travesso.

— Em todo o caso, — acrescentou, — quizera antes morrer que separar-me d'uma prenda para mim de tantas saudades. Lembrei-me do anexim, que para os casos de apuro applica o remedio de «conversar cada qual sobre o seu travesseiro.» Reflecti que a applicação não podia vir mais a proposito do que no meu caso, e enfei-me nos lençoes. Causa incrível, meus senhores! Estava tão cançado que, apesar de ter o estomago vasio, e a bolsa não menos, adormeci immediatamente.

Quando acordei tinha fome canina. Como naturalmente sabem, esta designação passa dos animaes ao homem quando a necessidade de alimentação é n'este levada ao ultimo periodo.

Assentei-me na cama para assentar tambem no que havia de fazer, e principiei a meditar na minha situação, volteando o polegar direito em roda do polegar esquerdo com progressiva inquietação, signal de preocupação extrema, quando de repente, descobrindo um *violoncello* ao canto do meu quarto, soltei um grito de alegria.

Talvez uns digam — que n'um *violoncello* a unica afinidade que ha com um homem que não jantou nem ceiou na vespera é não ter no ventre senão ar como elle!

Pois enganam-se. Havia outra afinidade; e maior. Era como um rosto conhecido que achava de repente em paiz estranho. Era quasi um amigo, meus senhores. Posso-lhes dizer que sou igualmente forte no baixo e no contra-baixo. Toquei sempre indistinctamente os dois instrumentos; e, se hoje me estão vendo acompanhar no rebecão grande, nem por isso deixo de exercer largamente a arte no *violoncello*. Foi mesmo por onde principiei d'este modo, um homem, que tem vivido dez annos a fio com um instrumento, pode dizer sem presumpção que está identificado com elle. Demais a mais, tinha sempre observado em mim que nada me desperta tanto as idéas como o som do *violoncello*. Toca algum instrumento sr. Alexandre Dumas?

Dumas, que provavelmente estava já aborrecido das prolixidades do narrador, respondeu-lhe seccamente.

— Nenhum.

— Mas gosta de musica?

— Em geral, é de todos os ruídos o que mais me importa.

— Sendo poeta, admira. E quando ouve trinar um rouxinol?

— Atiro-lhe com um seixo, e se não posso chegar-lhe, berro-lhe «não te calarás, maldito!»

Méry, que não aprovava o mau humor do seu amigo, encolheu os hombros em signal de profundo despreso, e vibrou-lhe um olhar exterminador.

— É defeito da organização, — atalhou magnanimamente o sr. Luiz Louet receiando talvez uma alteração por sua causa na boa harmonia que até ali reinara entre os convivas. — O sr. Dumas é mais para lastimar do que para censurar. Falta-lhe um dos sentidos. Deploro esse erro da natureza.

— Vamos ao caso, sr. Luiz Louet, — interrompeu Méry para evitar maior discussão. — Aposto que, apenas viu o *violoncello*, executou uma *sonata*, e que mal começou a *sonata* lhe acudiram as idéas em tropel. Tinha talvez idéas de mais.

— Nada, não, — retorquiu o artista; — não foram positivamente as idéas que vieram; foram os criados do *hotel*. Havia-se transmittido a minha situação á alma do instrumento. Tirava d'elle sentidos sons, uns como queixumes cheios de commoção. Eram as saudades da terra natal; eram as contrações famelicis d'um estomago dando horas; era uma execução altamente expressiva. Como sabem, os italianos não são como o sr. Dumas: morrem pela musica. Quando mal me preceitei, o corredor estava cheio. Sentia de minuto para minuto, crescer um murmuro de applausos. Houve palmas até, meus senhores!

A final abriu-se a porta do quarto, e vi apparecer-me o proprio dono do *hotel*. Dei a ultima arcada, uma arcada genial, e voltei-me para elle, com o *violoncello* entre os joelhos, estava certo da minha superioridade sobre aquelle homem.

— «Peço-lhe perdão de entrar assim no seu quarto, — disse elle; — mas a culpa é mesmo do senhor.»

— «Como!» — tornei eu — «Fez muito bem. Está em sua casa.»

Com o meu *violoncello* havia produzido o effeito que Orpheu produzia com a lyra: tinha amansado as feras. O traje tambem não desdizia muito do traje do deus mythologico; vestia uma simples... tunica.

— «O senhor parece-me um instrumentista distincto,» continuou o dono do *hotel*.



—Recusei já o lugar do primeiro *violoncello* concertante na opera de Paris,» —acudi eu promptamente.

Não era inteiramente verdade, devo dizel-o, meus senhores; mas achava-me em terra estrangeira, e não queria desacreditar a minha patria proclamando a sua ingratião.

—«Primeiro *violoncello* concertante!» —observou o homem — Já devia ser menos mau lugar.»

—«Excelente», —redargui — «Dez mil francos de ordenado, fora a meza. Todos os dias ao almoço costelleas e vinho de Bordeaux.»

Fallando n'estas cousas crescia-me a agua na bocca, sem querer. Assim mesmo continuei sem titubear com a presença de espirito usual nos nossos compatriotas:

—«Despresei tudo por amor da arte; só para vêr a Italia, a patria da sublime Paesielo, e do divino Cimarrosa.»

Como vêem, lisonjeava o homem e o paiz, attenta a crítica situação em que me achava.

—«Não se demora na nossa cidade?» —perguntou o dono do *hotel*.

—«Para que?»

—«Para dar um concerto.»

Foi um raio de luz para mim, meus senhores. A idéa era boa; mas importava fazel-a render.

—Admirêmos o espirito francez! —ponderou Méry.

O sr. Luiz Louet proseguiu sem reparar:

—«Um concerto!» —tornei eu desdenhosamente ao dono do *hotel*. —Pois acredita que uma cidadezita como Nizza póde cubrir se quer as despezas?»

—«Pois não póde!» —tornou o homem picado. —«Bastavam os physicos inglezes que estão aqui a ares. Só n'este *hotel* tenho eu quinze. Afflucem a minha casa porque acham excellente a cosinha.»

—«Na verdade,» —retorqui insistindo habilmente na adulação — «na verdade parece-me o *hotel* melhor de Nizza.»

—«Conto que, á vista da meza que dou aos meus hospedes, o poderá certificar antes de partir.»

—«Eu sei!...»

—«O senhor não precisa dos meus conselhos; mas se ficasse aqui uma noute e se fizesse ouvir, não perdia o seu tempo de certo.»

—«Então quanto cuida que me poderia render um concerto?» —perguntei com uma negligencia perfeitamente imitada.

—«Se deixa tudo por minha conta,» —tornou o homem, — «se me concede que faça os annuncios e destribua os bilhetes, posso-lhe segurar trescentos francos!»

—«Trescentos francos!» —gritei eu sem poder ter-me.

O homem equivocou-se com o sentido verdadeiro da minha exclamação, e atalhou com uma certa humildade soberba:

—«Não é muito, bem sei. Mas Nizza tambem não é Roma nem Paris.»

—«É uma poveação admiravel!» —contestei continuando a lisonjeal-o, visto que me não tinha dado mal.

—«Em attenção á cidade, se eu tivesse a certeza, sem pensar senão em executar algumas peças no *violoncello*, que tirava trescentos francos livres...»

—«Seguro-lhos por contracto, se quizer.»

—«E meza... meza como a da Opera de Paris, já se vê...»

—«E meza tambem.»

—«Resolvia-me.»

—«Resolva-se.»

—«Emfim, convence-me. Não estava muito disposto; mas cedo. Pode-me annunciar.»

—«O seu nome?»

—«Luiz Louet. Ponha nos cartazes o celebre Luiz Louet, não se esqueça... Olhe, accrescente: primeiro *violoncello* da camara de S. M. o Imperador...»

—«De que?»

—«Do Japão... Espere, accrescente mais: o celebre Louet vem de Marselha a Nizza atraz d'um metro.»

—«Acha essencial annunciar isso?»

—«Acho. É indispensavel, pois que não tenho para vestir senão o meu fato de caça, e não quero que o respeitavel publico Nizzense imagine que lhe falto á devida consideração, quando tal não ha, nem sou capaz de semelhante cousa, posso-lhe dar a minha palavra.»

—«Como queira. O que toca?»

—«Não annuncie nada especialmente. Mande vir as partituras do theatro; conheço-as todas. Tocarei outro peças á escolha do auditorio. É para contentar o orgulho dos inglezes. Como sabe, tem muito amor proprio aquelles iheos.»

—«Está dieto. O concerto é na sala grande do meu *hotel*. Seguro-lhes trescentos francos livres, e a comida, seja qual fór a receita. Se o lucro exceder, é ganho meu. Serve-lhe o negocio!»

—«Serve.»

—«Vou-lhes então mandar o almoço.»

—«Lembre-se de que pelo almoço é que eu posso fazer idéa do modo porque o senhor cumpre os seus ajustes.»

—«Fique descansado.»

Com isto safu, e ouvi-o gritar aos criados:

—«Um almoço de primeira classe para o numero 4.»

Fui ver logo o numero da minha porta: era o numero 4.

D'ahi a pouco veio o almoço. O homem tinha-se desbancado. Confesso-lhes que me sentei á meza com volu-

ptuaria sensualidade. Fazia exactamente vinte e oito horas que não sabia o que era comer. Estava tomando uma chavena de caffè, quando o dono do *hotel* entrou:

—«Está satisfeito?» —disse,

—«Contentissimo.»

—«Pela minha parte fica tambem prompto o resto. Os cartazes estão postos.»

—«E ha-de-se corresponder a elles, esteja certo: não ha-de ser como tantos. Sabe-me agora dizer qual é o melhor modo de voltar para Marselha? Desejava partir ámanhã.»

—«Amanhã? Está no porto um brigue que ámanhã dá á vela para Toulon. Fica-lhe no caminho. De Toulon é pouco a Marselha. O capitão do brigue é meu amigo. Maritimo velho; vai seguro.»

—«Não se me dava de conhecer Toulon. Ha muito que tenho vontade de ver a cidade.»

—«Então porque se não aproveita da occasião?»

—«Enjo-o no mar.»

—«O mar está de leite.»

—«E que tempo se gasta?»

—«Seis horas, o muito.»

—«Então está dito. Seis horas não é nada. Vou no brigue.»

A noute effectuou-se o concerto. Não me permite dizer mais a minha modestia. O dono do *hotel* deu-me pontualmente os trescentos francos, e ganhou cincoenta por cento. No dia seguinte executei a cavatina da *Norma* no *violoncello*, para gorgeta dos criados, e embarquei a bordo do brigue *Senhora-das-Dores*; capitão Garnier.

Continúa.

MENDES LEAL JUNIOR.

JORGE.

ROMANCE CONTEMPORANEO.

I

Agitadas pela brisa fresca do norte as ondas azues ferretes do oceano atlantico, scintillavam ufanas e frementes á luz esplendida do sol.

Nuvens diafanas, e variamente coloridas esmaltavam o firmamento para o lado do poente. Era uma tarde de inverno, d'essas que no admiravel clima da Madeira rivalisam com as mais bellas da primavera em qualquer outro paiz.

Empellido por vento de feição entrava a bahia, de belina larga, um brigue cuja forma elegantissima dava lugar, entre os entendidos que se achavam repimpados no caes, ao seguinte dialogo:

—Então não te dizia eu que era um brigue de guerra?

—Aposto o contrario dobrado contra o singello.

—Para que estão com isso, não vêem o signal do Ilheu?

—Vamos, era, ou não era mercante.

—É verdade, pois ninguem o havia de dizer. A construcção do casco, o aparelho, até o modo de manobrar engana o mais pintado.

—Quem saber rapazes o que elle é? disse um dos interlocutores, que se havia affastado um pouco em quanto examinava attentamente o navio. É um barco de escravatura. Reparem bem para aquella *guinda*, e mastreação cahida á ré; nos *desgados*, e corte do pano. Aquillo a *um largo*, e com vento fresco safa-se ainda que seja de uma fragata a vapor. Olhem lá vão virar *por davante*. E este amator cultorista das cousas maritimas, principiou a repetir com a intonação de um habil piloto as vozes da manobra que a bordo se devia executar:

—Mette o leme de *lá*, ála a retranca a barlavento, larga *amuras sobre bolinas*, carrega *stingues*. Já toca em vento, exclamou o diletante com alvoroço. Depois proseguiu:

Larga *bolinas de ré*, ála e larga á ré. — larga bolinas de proa, ála, e larga á proa, cambia as escotas de proa; assim, vejam como vem deitando agora.

Com effeito o brigue parecia ceder ás vozes do commando, como cede um cavallo fino, e amestrado á mão do cavalleiro. Dentro de poucos minutos estava fundiado.

A visita da Alfandega saíra ao mesmo tempo da praia, e os personagens em que ha pouco fallámos aproveitaram este ensejo, e foram examinar por dentro o navio.

II

Os ultimos clarões do sol espiravam no oceano, e ao mesmo tempo a lua no seu mais pleno crescente, vinha surgindo das aguas affoguada e rubra.

Um escaler partio de bordo do brigue, e em meia duzia de remadas, estava esperando a onda para segundo o costume encalhar de pópa na praia.

Um homem moço ellegantemente vestido, saltando fóra do barco, tomou nos braços uma senhora que trazia á sua direita, e pol-a cuidadosamente em terra.

Em seguida os dois personagens dirigiram-se a pé para o principal *Hotel* da cidade.

III

—Estou desasocegada Carlota, parece-me que Jorge não volta aqui.

—Pois não te deu hontem a sua palavra de que voltava? e elle havia de mentir-te a ti...

—É verdade, mas talvez imaginasse affligir-nos menos, não se despedindo de nós. Anda levanta-te d'ahi, vamos á janella.

O precedente dialogo passava-se, no quarto interior de uma casa de campo situada em Bemfica, entre uma menina de 17 para 18 annos, e uma creança que não devia ter mais de 14.

Ambas se ergueram rapidamente, atravessaram a sala que ficava fronteira ao quarto, e foram postar-se na varanda que deitava sobre a estrada real.

Eram 6 horas da tarde de um dia de agosto. A luz do sol desmaiava na copa das arvores, e a brisa suave remurajava fresca pelo bosque de lorangeiras que ficava defronte da casa.

No ceu, no ar, na verdura das hortas e pomares, de toda a natureza em fim, respirava essa doce, vaga, e infundada melancholia que nos acode ao coração quando no campo se aproxima a hora do sol posto.

Na janella agora, caladas as duas meninas alongavam a vista pela estrada que vem dar a Lisboa.

A mais velha, tinha o typo peninsular legitimo. Olhos negros, vivos, e insinuantes, cabello fino, basto e preto; boca fresca e vermelha, alta e elegante.

A outra pertencia áquelle genero suave das formosuras do norte. As suas formas apezar de não desenvolvidas ainda, annunciavam já toda a perfeição, graça e flexibilidade, que mais tarde deviam adquirir.

De alvura deslumbrante o rosto illuminava-se com as vivas rosas da meninice. Os olhos castanhos claros, frangidos de longas e assedadas pestanas, eram languidos, e meigos como os da gazella.

A chamma fugás do amor não scintillava n'aquelle olhar casto e sereno, como o olhar dos anjos; as paixões violentas da juventude ainda não contraíam os musculos d'aquellas faces candidas, nem alvoraçavam o seu peito infantil.

A boca pequena, os labios vermelhos como as folhas do cravo, humidas ainda pelos orvalhos da madrugada, deixavam ver entreabrindo-se n'um sorriso innocente e alegre, dentes miudos, iguaes e alvissimos.

—Elle ahí vem, exclamou Carlota.

—É verdade, elle ahí vem, respondeu a outra com sobresalto quasi ao mesmo tempo.

Com effeito ainda distante na estrada real apontava um *tilbury*, que, puxado pelo largo trote d'uma egoa ingleza, dentro em poucos minutos estava parado á porta.

O personagem que vinha dentro largou as redeas ao *jockey* e subiu rapidamente as escadas; as duas meninas foram correndo esperal-o á porta.

—Ainda bem que vieste Jorge, disse a mais velha saltando-lhe ao pescoço, e beijando-o affectuosamente, estava-me a parecer que tu não voltavas.

—Não te havia dado a minha palavra... Adeus Carlotinha.

—Adeus primo Jorge, respondeu esta offerecendo-lhe a face que o mancebo beijou repetidas vezes.

Descança Julia, eu não parto ainda esta semana, valla-te Deus creança, olha que me não demoro mais de um até dous mezes; vamos onde está meu tio?

—Foi dar um passeio, mas não póde tardar.

—E o Fernando está em Lisboa?

—Está, mas volta antes da noute, e tu ficas comnosco?

—Não, não posso; olha vamos um pouco até ao jardim, ha-de estar agradavel agora.

Jorge deitou o braço esquerdo á roda do pescoço de Julia, o direito por cima da cabeça de Carlota, que se chegava com meiguice a elle apertando-lhe a mão, e beijando-lha carinhosamente.

Agora em quanto estes tres personagens descem a longa escada de pedra, que vai dar ao jardim, atravessam a rua principal, sobem ao mirante que deita sobre os campos, e respiram o fresco da tarde por alguns instantes, permitta-nos o leitor que estreitemos mais as nossas relações com elles.

IV

Jorge de Athayde era descendente de uma familia illustre. Seu paé morrera deixando-o de 10 annos, e Julia sua irmã tendo apenas 6.

D. Catharina da Cunha era o nome da mãe de Jorge. A vida d'esta angelica creatura desde o dia da morte de seu marido, foi exclusivamente dedicada a Deus, e ao amor de seus filhos.

D. Catharina tinha um irmão, este homem enviuvára dous annos depois d'ella, e sua mulher deixara-lhe tambem dous filhos, Carlota que já conhecemos, e Fernando por quem ouvimos perguntar a Jorge, Carlota duas horas depois de ter vindo ao mundo ficára orfã de mãe. Fernando era 2 annos mais moço do que Jorge. D. Catharina propoz a seu irmão o viverem juntos, este accitou com grande satisfação a proposta. Com seus sobrinhos repartira d'aquelle estremo affecto, desvelo e carinho, que só se encontra no coração da mulher. Os infelizes a quem a mão da fatalidade roubára tão cedo a mais santa de todas as affeições — o amor de mãe! encontraram ali, senão tudo, ao menos parte da meiguice, e ternura que devia tributar-lhe o seio materno.

D. Pedro da Cunha irmão de D. Catharina, anno e meio depois da morte de sua mulher partira de Portugal



no cargo de governador de uma das nossas possessões ultramarinas.

Este homem, filho segundo de uma boa familia, emigrára por occasião de uma das nossas dissensões politicas. Seis mezes depois casou em Londres com uma ingleza de distincto nascimento, e extraordinaria formosura.

Caracter de uma austeridade irreprehensivel, figurára sempre com distincção na scena publica. Sem ser homem de fortuna, tinha todavia o bastante para viver como um cavalheiro.

Quando voltou da Africa, veio achar Carlota com outro annos, e Fernando já um homem feito.

N'esse mesmo anno D. Catharina foi atacada de uma febre *maligna*, para a qual foram baldados todos os recursos da medicina.

D. Pedro de Athayde por morte de sua irmã ficára tutor, e administrador dos bens que pertenciam a seus sobrinhos.

(Continúa)

BULHÃO PATO.

#### PRINCIPE GORTSCHAKOFF.

Na actual guerra entre a Russia e as potencias occidentaes, começou a servir o principe Gortschakoff no posto de general em chefe das tropas moscovitas, que romperam as hostilidades occupando os principados do Danubio. Quando o principe Menschikoff foi retirado do commando do exercito da Criméa, succedeu-lhe Gortschakoff, e tal era a confiança que merecia que ainda nos ultimos successos recebeu plenos poderes do imperador seu amo para defender ou abandonar a Criméa, conforme entendesse em presença das circumstancias occorrentes sem que de qualquer deliberação se lhe exigisse responsabilidade do acto! Teremos ainda occasião de falar d'este distincto official do exercito russo.

#### PISTOLA-REVOLVER.

De todas as armas de fogo portateis a pistola-revolver merece a preferencia, que lhe adquiriram principalmente os seis tiros que pôde disparar em seguida sem carecer de carregar-se de novo. Este systema de arma, que os americanos pretendem ter inventado, é antigo: muitos tratados da arte da guerra mencionam, e diferentes museus militares contem, em suas colleções, especimens de armas com cinco ou seis cargas que podem disparar-se por um só cano. O historiador Anquetil indica uma que data da era de 1600. Depois vieram outras identicas; e na Inglaterra MM. Deane e Adams fabricavam-as de cinco tiros, de que têm usado muitos officiaes britannicos na campanha da Criméa. A que se reputa mais perfeita é a que tem o nome do seu auctor M.



#### NOTICIARIO.

S. M. el-rei o sr. D. Pedro V, desejando conhecer por inspecção pessoal todos os objectos em que interessa o bem de seus subditos não somente tem visitado e examinado os estabelecimentos de beneficencia e caridade, mas tambem os de instrucção publica. Recentemente dirigiu-se á parte do edificio da escola polytechnica, que se acha reedificada, e viu com a attenção e intelligencia, que todos admiram, o gabinete de physica, e laboratorio chymico, e o observatorio meteorologico, dignando-se manifestar a sua approvação, com especialidade pela ordem, methodo e excellentes disposições que se guar-

dam n'este ultimo, dirigido com proficiencia notoria pelo sr. dr. Pegado.

As tempestades e chuvas torrencias que por mercê de Deus cessara ha dias não causavam nas obras dos caminhos de ferro em construcção consideraveis estragos que se recceivam, ao contrario os prejuizos são de facil reparação.

Consta igualmente que o engenheiro Mr. Vattier, que se diz vae ser encarregado da direcção geral das vias ferreas até á fronteira d' Hespanha pelo sul do Tejo, e para o norte até o Porto, fizera um reconhecimento dos trabalhos que estão executados, e os achára solidos, e segundo as condições exigidas pela arte. Notamos, porém, a circumstancia de se dizer por essa occasião que o mesmo habil engenheiro era de voto que a principal estação de partida do caminho de leste fosse no Campo Pequeno proseguindo a via ferrea pelo valle em direitura a Chellas. Confessamos que são de pouco pezo na materia a nossa opinião e reparos; comtudo não deixaremos de observar, que achamos excessiva a distancia do centro da cidade e dos seus extremos oriental e occidental até á mencionada estação no Campo Pequeno, accrescendo que de qualquer dos ditos é preciso galgar subidas ingremes para lá chegar. Perguntámos tambem de que serviu o dispendio com os atterros na margem do Tejo, e com a bem construida ponte de Xabregas.

No reino visinho alguns jornaes opposicionistas, mencionaram desintelligencias entre os dous principaes do gabinete hespanhol; porém, as declarações em pleno parlamento e as das folhaa ministeriaes negam a supposição dos adversarios; comtudo, a imprensa em geral, reconhecendo a necessidade de se conservarem á frente dos negocios publicos os generaes Espartero, presidente do conselho, e d' Donnell, ministro da guerra, pelo seu

prestigio no exercito em vista da actual situação da península, não defende, antes increpa a actual composição do ministerio; todos assentam que outros collegas deviam acompanhar na gerencia do estado os dous illustres generaes supracitados; nem mesmo insentam, apesar de seus claros dotes de engenho e outras qualidades, o sr. Escossura.

As negociações com a côrte de Roma estão em bom andamento, e a santa sé já se acha devidamente representada na côrte de Madrid por um internuncio apostolico, abrindo-se de novo o tribunal da nunciatura. As questões com os Estados Unidos tambem se acham em via de composição; e da Cuba, apesar de algumas insinuações feitas talvez por espiritos mal intencionados, não havia noticias que inculcassem tentativas para a desannexação da metropole; n'aquella rica provincia transatlantica reinava socego.

Dos outros estados nada ha que referir; o paquete, que entrará provavelmente no dia 12, dará noticias que successivamente analysaremos.

A formosura sem graça é anzol sem isca.